A ARTE DE CONTAR E ENCANTAR HISTÓRIAS INFANTIS

RUTH MONSALE

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade auxiliar a prática pedagógica com bebês e crianças pequenas, trazendo como importante ferramenta a Contação de histórias e suas variáveis, bem como características para a escolha de um bom livro e histórias de acordo com cada faixa etária, organização do espaço, e como o a afetividade interfere positivamente durante a realização dessa dinâmica. A pesquisa também revela as diversas possibilidades que a contação de história pode proporcionar com as crianças no cotidiano escolar, salientando como a música pode e deve ser incluída nesses momentos como estratégia para atingir objetivos de desenvolvimento cognitivo, corporal, social e emocional, estimulando a criatividade e imaginação.

Palavras Chave: Contação de História; Lúdico como ferramenta; Histórias com músicas.

INTRODUÇÃO

Atualmente, existem inúmeros autores e livros infantis disponíveis nas escolas e no mercado. Porém a problemática que muitas vezes nos deparamos, é a banalização do ato de leitura, muitas vezes sendo usada apenas como artifício para “acalmar” a turma, como um passa tempo quando não há outra coisa para se fazer, ou quando se encara a Contação de Histórias para bebês e crianças pequenas como algo difícil e muitas vezes impossível, por se tratar de um público muito jovem, a que alguns julgam não compreendem muita coisa.

De fato, ler e contar histórias podem ser realizados como um momento de descontração e de lazer, porém não devem se limitar a isso, principalmente no ambiente escolar. Deve ser vista e utilizada como importante ferramenta na prática pedagógica, e muitos autores desmistificam o preconceito com as aprendizagens na primeira infância.

BREVE HISTÓRIA DO SURGIMENTO DA LITERATURA INFANTIL E OS AVANÇOS DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA

O ato de contar histórias, talvez seja a interação humana mais antiga de que se tem registro. O homem primitivo contava histórias desde o início do desenvolvimento de suas habilidades de comunicação. De acordo com historiadores, contavam aos demais pertencentes de seu grupo e através de desenhos rupestres para gerações posteriores, como realizavam suas caças, como o clima e o tempo influenciavam na colheita, suas festividades e até seus relacionamentos. Ações com as quais serviam como trocas de experiências, ensinamentos e também momentos de confraternização.

Com o passar do tempo, narrativas com intuito de informar, ensinar ou contar algo que não aconteceu, mas que se poderia fazer imaginar ficaram mais frequentes, surge então a “literatura” que quer dizer “letras”, em latim. A literatura só se torna possível com a escrita, embora não tenha surgido com ela.

Com o passar dos séculos, essa prática manteve sua essência, mas também foi ganhando novos significados e objetivos específicos de acordo com o grupo e etnia, mantendo a cultura e tradição de cada comunidade viva.

A Literatura Infantil por sua vez, com início internacionalmente entre os séculos XVII e XVIII, tinha viés ideológico, com o objetivo de ensinar regras, de como as crianças e os jovens deveriam se portar diante da sociedade e compreenderem o que era certo e o que era errado de acordo com aquela época. Esses fatores auxiliaram no comprometimento do real significado de “Arte” sobre a literatura, tornando-a uma prática obrigatória e sem prazer.

Os clássicos eram destinados ao público mais bem afortunado, e as lendas e contos folclóricos para os mais pobres. Porém, algumas obras se mantiveram vivas com o passar do tempo, pela qualidade estética, assim como os contos passados de geração para geração.

No Brasil, em meados do século XIX e início do século XX, literaturas infantis internacionais foram traduzidas para o nosso idioma, mantendo características ideológicas e de valorização da Nação. Monteiro Lobato, foi o precursor de uma literatura brasileira, destinada ao público infanto-juvenil. E mesmo com muitas mudanças políticas e de movimentos sociais, o “Patriotismo” se mantinha nos principais temas dos livros e histórias nesses períodos.

Somente nas décadas de 70 e 80, houve uma verdadeira transformação nos livros infantis. Com a chegada de vários novos autores, resgatando a cultura brasileira com contos folclóricos, cantigas de ninar e brincadeiras de roda.

Assim como a literatura infantil, a concepção de infância foi algo conquistado em longo prazo, quando finalmente se enxergou a criança como um ser pensante e também importante para o futuro da sociedade. Com a Educação Infantil não foi diferente. Sua percepção foi e vem sendo transformada e repensada gradativamente. O processo de aquisição de uma nova identidade para as instituições que trabalham com crianças foi longo e difícil. Deixando de ser apenas assistencialista, tornando-se um ambiente de aprendizagem e socialização. Torna- se de fato um ambiente educacional, onde o cuidar e educar são indissociáveis.

A visão tradicionalista sobre a educação infantil vai aos poucos dando espaço para novas práticas mais humanizadas, que tem como foco principal a própria criança e suas potencialidades.

Com isso, também, professores e funcionários da educação, vêm se aprimorando e buscando novas possibilidades e caminhos para contribuírem no desenvolvimento dos bebês e das crianças pequenas.

O DESENVOLVIMENTO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

A fase de 0 aos 6 anos de idade, é considerada como a primeira infância e é o período mais importante no desenvolvimento humano. Nessa etapa da vida acontecem processos fundamentais, como o desenvolvimento corporal, cerebral, capacidade da comunicação e socialização.

Estudos e avanços da Neurociência revelam as potencialidades dessa fase e seu desenvolvimento como uma combinação genética com as relações e influências do meio.

Para Piaget, todos nascem com reflexos que são reações automáticas. E a partir deles e com estímulos do ambiente em que se está inserido, novas aprendizagens vão sendo assimiladas. Roseli Fontana e Nazaré da Cruz, mestres em Psicologia Educacional pela UNICAMP, exemplificam essa concepção, transcrevendo sobre a abordagem Piagetiana em Psicologia e Trabalho Pedagógico (1999): “Na concepção Piagetiana, a criança age sobre o mundo (...) Para conhecer os objetos, o sujeito tem que agir sobre e, por conseguinte, transformá-los”.

Por isso essas interações com o meio e com o outro, são de essencial importância principalmente no ambiente escolar, e devem ser intencionais e de qualidade. Ou seja, quanto maior “qualidade” nas relações interpessoais, maior qualidade nas aprendizagens.

Entretanto o professor deve promover situações em que a criança encontre o caminho da aprendizagem, e não apenas “dar” tudo pronto, como descreveram Roseli Fontana e Nazaré da Cruz no mesmo trabalho:

> As formulações de Piaget têm tido grande influência sobre a prática pedagógica, inclusive no Brasil. Ao destacarem o papel ativo da criança no processo de elaboração do conhecimento, têm sido responsáveis por essas ideias como: o papel fundamental da escola é dar a criança oportunidades de agir sobre os objetos de conhecimento; o professor não deve ser aquele que transmite conhecimentos à criança, mas sim um agente facilitador e desafiador de seus processos de elaboração; a criança é quem constrói o seu próprio conhecimento. (1999, p. 54).

O professor ainda deve se ater as faixas etárias dos bebês e das crianças, respeitando suas particularidades e o tempo de assimilação e de desenvolvimento de cada uma. De acordo com Cruz e Fontana (1999): “Para Piaget, tudo o que é transmitido à criança sem que seja compatível com seu estágio de desenvolvimento cognitivo não é de fato incorporado por ela”.

Uma possibilidade que pode ser utilizada no processo ensino-aprendizagem é a “Pedagogia afetiva”. Segundo a Escritora e Palestrante Maria Augusta Rossini, “a afetividade é a mola propulsora da vida, tem o dom de nos impulsionar para frente, de nos fazer regredir, de nos fazer estacionar”. Diz ainda que a Pedagogia afetiva “propõe que a gente olhe o ser humano nessa sua complexidade (...) um ser humano que pensa que sente e que age”.

Diante dessa postura do professor que enxerga as diversas características, dificuldades e potencialidades da sua turma, ele cria diversas estratégias para atingir o mesmo objetivo em cada um de seus alunos, ou até mesmo utiliza os mesmos mecanismos porém, atingindo objetivos diferentes em cada bebê ou criança. Por exemplo, se a finalidade do professor é de ensinar cores, ele pode utilizar histórias, músicas, vídeos, brincadeiras entre outras estratégias para alcançar seu objetivo. Ou pode contar uma bela história, e com isso algumas crianças aprenderem sobre cores, outras sobre animais e outras ampliarem seu vocabulário.

O importante nesse processo de ensino-aprendizagem é não fragmentar a criança ou a aula/dinâmica/atividade. A criança assim como o seu desenvolvimento deve ser enxergada com amplitude.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA E SUAS VARIÁVEIS LÚDICAS

Atividades lúdicas são muito bem recebidas nessa faixa etária. Trata-se não apenas de jogos ou brincadeiras, mas também dinâmicas que estimulam o pensamento, sentimento, movimento e o imaginário, como

exemplifca a Professora Especialista Anne Almeida em seu Artigo Científco "Ludicidade como Instrumento Pedagógico", citando dois grandes autores:

Segundo Luckesi são aquelas atividades que propiciam uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, estando fexíveis e saudáveis. Para Santin, são ações vividas e sentidas, não definíveis por palavras, mas compreendidas pela fruição, povoadas pela fantasia, pela imaginação e pelos sonhos que se articulam como teias urdidas com materiais simbólicos. Assim elas não são encontradas nos prazeres estereotipados, no que é dado pronto, pois, estes não possuem a marca da singularidade do sujeito que as vivencia. (2009).

No entanto, no cotidiano escolar, essa prática é comumente entendida como mera diversão ou passa tempo. Por ser um exercício que exige envolvimento integral de todos os envolvidos no processo e requer tempo, seu real signifcado às vezes acaba se perdendo. Mas para que aprendizagens de fato ocorram, e dinâmicas lúdicas tenham objetivos e percursos signifcativos, um olhar sensível se faz necessário, como afrma Anne Almeida em sua pesquisa:

Uma aula com características lúdicas não precisa ter jogos ou brinquedos. O que traz ludicidade para a sala de aula é muito mais uma "atitude" lúdica do educador e dos educandos. Assumir essa postura implica sensibilidade, envolvimento, uma mudança interna, e não apenas externa, implica não somente uma mudança cognitiva, mas, principalmente, uma mudança afetiva. A ludicidade exige uma predisposição interna, o que não se adquire apenas com a aquisição de conceitos, de conhecimentos, embora estes sejam muito importantes. (2009).

Compreendendo o verdadeiro signifcado da "Ludicidade", parte-se para o seguinte questionamento: Quais atividades lúdicas desenvolver com bebês e crianças pequenas?

As respostas seriam as mais variadas possíveis, tratando-se de um público que se desenvolve e aprende coisas novas a cada dia, e com o repertório e vivências de cada turma e professor.

A "Contação de Histórias" pode ser considerada uma boa opção, como ferramenta de ensino-aprendizagem, bem como envolvimento emocional e corporal de educandos e educadores. Trata-se de uma atividade complexa, com os mais variados objetivos e estratégias.

Um estudo feito pela fundação Itaú Social mostrou que ler para crianças pode trazer muitos benefícios, estimulando seu progresso da linguagem oral, além de alimentar a criatividade.

Contar e ler histórias são um jeito especial de se conectar com a criança. Essa aproximação contribui para seu desenvolvimento emocional e social. O papel dos professores e dos pais é fundamental para gerar nas crianças o gosto pela leitura, principalmente em bebês. De acordo com a psicóloga e professora de Psicanálise da PUC-SP Elisa Cintra, a voz de um familiar próximo por si só, já exerce uma infuência sobre a criança, transmitindo calma e tranquilidade, além de ser uma ótima maneira para estabelecer uma conexão de afeto. Segundo ela, "ambos os lados se benefciam com a troca amorosa que se constrói a partir desse ato". E numa boa relação estabelecida entre aluno e professor, também não é diferente.

Evélio cabrejo Parra, diretor-adjunto do Departamento de Linguística da Universidade Paris 7, em entrevista com Gabriela Romeu para Revista Emília diz que: "a voz humana é algo muito potente na relação entre crianças pequenas e principalmente bebês". E quando vem em diferentes modulações, além da voz da conversa, também na voz da cantiga, na voz da leitura, ela vai dando elementos para o desenvolvimento dessa criança e acolhendo-a melhor.

Evélio também afrma que "os bebês são músicos em estado puro. Eles já vêm com essa vinculação ao som" e que "a musicalidade da voz é um alimento psíquico para o bebê". E completa:

"Temos que dar ao bebê a possibilidade de escutar diversas músicas da língua, que tem uma grande diversidade de músicas. Pensemos, por exemplo, nos diferentes estilos por trás de cada escritor, em cada estilo há uma música diferente, e o bebê é sensível a essa variação de musicalidade". (2011).

Como vimos, o som e a musicalidade são coisas inerentes a todo ser humano. Com isso, as músicas podem ser utilizadas como ferramentas antes, durante ou depois da contação de Histórias, ou até mesmo a própria música pode contar uma história, ou ainda pode-se contar uma história cantando.

A MÚSICA COMO ESTRATÉGIA

Na hora da leitura coletiva ou da contação de histórias, é essencial que o ambiente esteja preparado, ou seja, organizado de maneira que atraia bebês e crianças e deixando o espaço aconchegante. Na maioria das vezes, quando a leitura não é uma prática contínua, os bebês e crianças pequenas, tendem a fcar um pouco mais "agitados" querendo circular pelo ambiente, mexer nos livros e objetos da história, o que é extremamente normal, pois algo diferente é visto por eles como algo interessante de se explorar corporalmente. Por isso, incorporar o hábito da leitura e contação de histórias na rotina escolar é muito importante. "Cantinhos" auxiliam muito. Pode-se escolher um canto na

sala e colocar um tapete, tatame ou lençol, com algumas almofadas, estante (na altura das crianças), cesto, varal ou caixa de livros, e convidar as crianças e bebês para esse espaço.

"A música complementa a narrativa", afrma Betty Coelho em seu livro Contar histórias, uma arte sem idade (1989, p.27) Para ela, "estudar uma história é também inventar as músicas ou adaptar a letra a músicas conhecidas, conforme sugestão do texto, que são introduzidas no decorrer do enredo ou no fnal". (1989, p.27).

Cantar músicas como forma de abertura para uma história tem sido uma estratégia utilizada por professores e contadores de histórias, para auxiliar nessa organização, e chamar atenção dos pequenos ouvintes:

"Eu vou te contar uma história, agora, atenção! Que começa aqui no meio da palma da tua mão Bem no meio tem uma linha ligada ao coração

Quem sabia dessa história antes mesmo da canção? Dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão, dá tua mão...".

Essa música do grupo musical Palavra Cantada, foi utilizada como introdução de várias histórias numa sala de Berçário II do CEI Parque Santa Rita pela Professora Luana. No momento em que a professora começava a cantar, os bebês, já acostumados com essa prática, iam fcando mais serenos e consequentemente se organizando sozinhos, sentando um perto do outro para ouvirem a história.

Outra sugestão de música para introdução seria "Abre a Roda Tindolelê", que pode ser adaptada, recriando versos, como fez a Professora Quitéria com sua turma de Mini Grupo I no CEI Irmã Ildefranca, substituindo o ultimo verso por "e vai sentando tindolelê, que a historinha vai começar". Uma brincadeira de roda e movimentos corporais antecedeu a hora da leitura, e a própria música da brincadeira convidou as crianças para se sentarem e apreciarem.

As músicas durante a história também é algo que chama bastante a atenção dos pequenos, e que permite a participação efetiva deles na história. Contos de repetição ou acumulativos são narrativas em que essas repetições podem se tornar músicas, como "O caso do Bolinho", (BELINKY, 2004) onde as crianças podem repetir o verso com melodia:

Eu sou um bolinho, redondo e fofnho,

De creme recheado, na manteiga assado, Deixaram-me esfriando, mas eu fugi rolando! O vô não me pegou, a vó não me pegou, Nem você dona Lebre, vai me pegar! (2004)

Essas intervenções, muitas vezes tornam-se necessárias para atrair os bebês e as crianças e mantê-los participativos no decorrer da dinâmica.

Cantar ou utilizar músicas no fnal de cada leitura é optativo, pois não interfere diretamente na história, porém, as crianças gostam e na maioria das vezes pedem por um fnal mais dramático, como aplausos, ou uma frase de efeito como: "E essa história entrou por uma porta, e saiu por outra, e quem quiser que conte outra!".

A Professora Luana, ainda com a turma do Berçário, optava por cantar alguns versos a cada término das leituras: "E agora minha gente, que a história terminou, batam palmas, batam palmas, batam palmas quem gostou! Hey hey hey, tralalá, hey hey hey, tralalalá!" Os bebês compreendiam que a história havia chegado ao fm, cantando ou imitando gestos com a professora e depois levantavam-se dos lugares e iam pegar brinquedos.

As músicas infantis e cantigas de roda também são carregadas de "historinhas" em seu contexto e de muita cultura, como diz Regina Scarpa, coordenadora pedagógica da Fundação Victor Civita, no vídeo produzido pelo Projeto Entorno:

"Cantigas de roda, canções de ninar, parlendas, poesias, trava- línguas, toda cultura tem um repertório oral da infância, são jogos de linguagem; são importantes porque eles introduzem à criança, não só no mundo da linguagem como também nas características da identidade da sua cultura". (2011).

Sendo assim, pode-se ter como objetivo ensinar uma cultura e tradição de um determinado lugar, ou de sua própria cultura numa brincadeira cantada como história ou numa ciranda.

Além do aprendizado, a ludicidade presente nessas dinâmicas, são de extrema importância no desenvolvimento da oralidade, mas acima de tudo no desenvolvimento da criatividade e imaginação.

Há várias maneiras de se explorar, no bom sentido, essas canções infantis e cantigas para se contar histórias. "A Linda Rosa Juvenil", conta a história de uma princesa que é enfeitiçada por uma bruxa e que no fm, um rei a salva. Esta história pode ser contada cantando-a literalmente, dançando em roda, em forma de teatro, com objetos ou fantoches. Tais estratégias podem ser utilizadas com qualquer outra música ou cantiga que represente uma história. Nas escolas de Educação Infantil, é comum que professores e outros funcionários interpretem a música "O Rato" do grupo musical Palavra Cantada. Não se faz necessário decorar falas ou utilizar um livro, mas interpretando com gestos, contam

para bebês e crianças sobre um amor platônico e impossível de um Rato pela lua. Utilizando apenas a música como referência. É claro que se pode incrementar com cenário e fgurinos, mas a música por si só e sua melodia, encantam a todos.

• Olhar atento para bebês e crianças pequenas

Bebês e crianças pequenas, assim como outras faixas etárias, demandam certo cuidado e atenção na escolha das histórias. Como serão apresentadas/contadas e como e com o que se deve compor o espaço.

A escritora Betty Coelho em seu livro Contar histórias, uma Arte sem idade (1989), descreve alguns passos que professores e contadores de histórias podem seguir para a realização da dinâmica com efciência: "que história contar?" Para Betty, devemos conhecer muito bem a história, de tal maneira que nos possibilite a improvisar sobre ela se necessário, e principalmente, devemos gostar do que vamos contar, pois só assim conseguiremos transmitir a mensagem com emoção. A autora ainda descreve em sua obra, alguns indicadores que possibilita a escolha do livro/história, de acordo com cada faixa etária e respeitando também suas singularidades. Além de conhecer o que ler/contar, inicialmente deve-se conhecer os ouvintes:

"Geralmente, uma boa história agrada a todos. Ocorre entretanto que, no caso de uma narrativa para crianças pequenas é necessário respeitar-lhes as peculiaridades, sobretudo seu estagio emocional. A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral (...) A História também é assimilada de acordo com o desenvolvimento da criança e por um sistema muito mais delicado e especial". (1989, p. 14).

Coelho ainda traz em seu livro um quadro que indica o que se deve ler de acordo com cada faixa etária e seus interesses. Na fase da primeira infância, ela indica histórias de bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados), histórias de criança, de repetição e acumulativas, e contos de fadas.

Objetos e outros materiais também podem compor o espaço. Como dito anteriormente, cantinhos podem auxiliar, mas deve-se tomar cuidado para que o momento da leitura/contação não vire um espetáculo, perdendo um pouco do seu real signifcado. A contação de história pode e deve ser dinâmica e interessante aos olhos do público, entretanto o leitor/contador não deve perder o foco.

É importante ressaltar que interrupções sem qualquer ligação com a história faz o contador perder o clímax. Por isso ele deve conhecer muito bem a história, para conseguir improvisar ou retomar sem prejuízo.

Os bebês costumam sair do lugar durante a contação, ou fcam distraídos com os colegas ou objetos pela sala. A professora deve continuar a história sem parar, porém de um modo a tentar chamar a atenção do bebê. Não se deve obriga-lo a fcar sentado ouvindo o que ele não quer ouvir, mas deve-se tentar ao máximo estimulá-lo para participar. Nesse momento, o tom de voz, entonação, músicas e imitação de sons auxiliam bastante.

Crianças pequenas costumam interromper para fazer perguntas sobre a história, o que demonstra que ela está prestando atenção e está curiosa para saber de algum detalhe sobre o livro. Pois bem, o professor deve sutilmente responder, dando continuidade a leitura/contação, como por exemplo: se uma criança questiona o que é determinado objeto na ilustração do livro, a professora pode dizer "o que será? Vamos continuar a história para saber!". Uma roda de conversa antes da história também ajuda muito, explicando para eles que as perguntas são importantes, mas que o silêncio as vezes se faz necessário para a compreensão de todos. Na maioria das vezes a turma compreende, e quando a prática de leitura é contínua e agradável, automaticamente eles se acostumam e incorporam postura de ouvintes e também de leitores.

Histórias bem contadas e interessantes para cada idade, são solicitadas pelas crianças pequenas a todo tempo, e repeti-las é muito importante, como afrma Coelho, citando Bruno Bettelheim (13):

"Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência no mundo. (...) Redirecionar os pensamentos da criança prematuramente para uma segunda história pode matar o impacto da primeira, enquanto fazê-lo numa época posterior pode aumentá-lo". (1989, p. 55).

Além disso, proporcionar momentos para que as crianças recontem as histórias entre eles, também é fundamental para a compreensão da mesma, e para uma participação efetiva.

Dito tudo isso, pode-se afrmar que lúdico aliado à prática de leitura e contação de histórias para bebês e crianças pequenas nas escolas, é de suma importância para o desenvolvimento dos variados tipos de linguagens, aprendizagens de novos conceitos, resgate da cultura e identidade de um grupo e de seus pares, socialização e vínculo afetivo bem estabelecido, bem como estimular o imaginário, criatividade e o hábito da leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Escola, sendo um lugar de múltiplas aprendizagens, deve subsidiar aos educandos e educadoras momentos de culturas, conhecimentos e lazer, e a Contação de Histórias para bebês e crianças pequenas tem se tornado uma ferramenta indispensável juntamente com as músicas infantis e cantigas de roda e ninar.

Aos poucos, o preconceito e os obstáculos diante dessa prática na Educação Infantil vêm se perdendo e sofrendo adaptações positivas, ganhando um novo olhar que resgata seu real sentido de ensinar, trocar experiências e divertir, possibilitando a participação efetiva do mais variado público nessa atividade ancestral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Anne. Ludicidade como instrumento Pedagógico. Disponível em: https://www.cdof.com.br/recrea22.htm. Acesso em 23 de jan. 2022.

BELINKY, Tatiana. O Caso do Bolinho. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

COELHO, Betty. Contar Histórias, uma Arte sem idade. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989.

CRUZ, Nazaré; Fontana, Roseli. Psicologia e Trabalho Pedagógico. São Paulo: Atual, 1999.

ROMEU, Gabriela. Evélio Cabrejo Parra. In Revista Emília. 2011.

ROSSINI, Maria Augusta. Pedagogia Afetiva. 2020. SCARPA, Regina. Leitura para bebês. 2020.

TATTI, Paulo; TATTI, Zé. Uma História. 2020.